
Finalmente, um bom dia: reflexões sobre a solidariedade entre mulheres na conclusão da trajetória da personagem Verônica Torres¹

Paula Beatriz Coelho Domingos Faria
Universidade Federal de Juiz de Fora
Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia do sudeste de Minas Gerais

RESUMO

Considerando que a ficção seriada, ao mesmo tempo, atende às demandas do mercado e reflete questões relevantes para o contexto sociocultural em que se insere, o presente trabalho tem como objetivo a análise do enredo da última temporada de “Bom dia, Verônica”, levantando a hipótese de que esta obra de ficção audiovisual corrobora a visão de algumas representantes da crítica feminista, como Hooks (2023) e Saffioti (2015) a respeito da importância da solidariedade entre mulheres para um combate efetivo às diversas formas de violência sofrida por elas. A análise tem caráter qualitativo e recorre à associação entre as ideias das autoras mencionadas acima e as temáticas desenvolvidas no enredo da série.

PALAVRAS-CHAVE

Ficção seriada; “Bom dia, Verônica”; Violência contra a mulher; Solidariedade entre mulheres; Protagonismo feminino.

INTRODUÇÃO

“Bom dia, Verônica” é uma série brasileira produzida pela plataforma de streaming Netflix e lançada em 2020, com roteiro baseado no romance homônimo, escrito por Ilana Casoy e Raphael Montes sob o pseudônimo de Andrea Kilmore. A violência contra a mulher em suas mais variadas formas é o assunto central da trama protagonizada pela personagem Verônica Torres, que ao início da narrativa é uma escritora de uma delegacia de homicídios, mas ao longo do enredo começa a atuar por conta própria na defesa de mulheres vítimas de violência, depois de perceber que seus esforços enquanto componente das forças policiais são infrutíferos. A personagem é interpretada pela atriz Tainá Müller e seus principais antagonistas ao longo das três temporadas são vividos, respectivamente, pelos atores Eduardo Moscovis, Reynaldo Gianecchini e Rodrigo Santoro. A série é dirigida por Rogério de Souza, José Henrique Fonseca e Izabel Jaguaribe e o roteiro é adaptado pelos próprios autores do romance.

A terceira temporada da série foi lançada em fevereiro de 2024 e concluiu a trajetória de Verônica com o desmantelamento de uma grande rede criminosa adepta de várias formas de

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada Televisiva, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

violência contra a mulher, revelando uma metáfora para a própria sociedade patriarcal: o problema, na verdade, é muito maior e mais complexo do que Verônica pensa ao início da primeira temporada. A violência doméstica sofrida pela personagem Janete (Camila Morgado) é um reflexo da violência entranhada nas mais diversas instâncias sociais. O antagonista da primeira temporada não é “apenas” um homem que agride a esposa física e psicologicamente. Ele também é uma autoridade policial e tem ligações com a grande rede investigada pela protagonista. A história dos três antagonistas está interligada e todos eles cometem crimes que vão da violência psicológica ao feminicídio, passando pelo estupro, tráfico de mulheres e venda de bebês.

A relação entre o enredo de “Bom dia, Verônica” e os dados alarmantes sobre a violência contra a mulher no Brasil é evidente. Pouco tempo depois do lançamento da terceira temporada da série, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) divulgou um relatório que revela a ocorrência de 1463 feminicídios no Brasil durante o ano de 2023. Ou seja, uma média de um feminicídio a cada seis horas, o que corresponde ao maior índice registrado desde o início da vigência da Lei contra o feminicídio (Lei 13.104/15). Assim, ao abordar uma temática tão urgente, a obra de ficção seriada audiovisual contribui para as reflexões sobre tema, sobretudo ao estabelecer um elo entre as diversas formas de violência sofridas por mulheres, desde as praticadas por familiares e pessoas próximas até as praticadas no âmbito institucional de maneira despersonalizada.

Considerando que a ficção seriada, ao mesmo tempo em que atende às demandas do mercado, também reflete questões relevantes em voga no contexto social e cultural em que se insere, nossa hipótese ao analisar a narrativa da última temporada de “Bom dia, Verônica” é a de que a série corrobora a visão de algumas representantes da crítica feminista, como Hooks (2023) e Saffioti (2015) a respeito da importância da solidariedade e união entre mulheres para um combate efetivo às diversas formas de violência sofrida por elas.

METODOLOGIA

A metodologia adotada neste estudo tem enfoque qualitativo e volta-se para a compreensão das atitudes tomadas pela personagem Verônica Torres em sua relação com as diversas mulheres vítimas de violência com as quais ela se depara ao longo de sua trajetória, sobretudo na terceira e última temporada da série. Para alcançar esta meta, recorreremos a conceitos e propostas desenvolvidos por estudiosas como Hooks (2021), Hutcheon (1991) e Saffioti (2015).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Linda Hutcheon (1991) chama de “ex-cêntricos” os personagens que tradicionalmente não ocupavam o centro das narrativas, mas, na pós-modernidade, ganham protagonismo. “Quando o centro começa a dar lugar às margens, quando a universalização totalizante começa a desconstruir a si mesma, a complexidade das contradições que existem dentro das convenções - como, por exemplo, as de gênero - começam a ficar visíveis” (Hutcheon, 1991, p. 86).

É por conta desta possibilidade que as narrativas policiais, tão atreladas ao protagonismo masculino, passam a admitir personagens mulheres assumindo a liderança de enredos detetivescos, como ocorre com Verônica Torres. E com o protagonismo de personagens mulheres vêm à tona também os conflitos e desafios enfrentados por esta parcela da população, a exemplo da temática da violência contra a mulher. Nos contos e romances policiais clássicos, como os criados por Edgar Allan Poe e Arthur Conan Doyle, era comum que mulheres fossem vítimas de crimes cuja investigação era conduzida por personagens célebres como Auguste Dupin e Sherlock Holmes. No entanto, essas mulheres não tinham voz e a motivação para encontrar o criminoso não era a solidariedade às vítimas nem o desejo de fazer-lhes justiça. O crime funcionava como um enigma que permitia ao protagonista exibir suas habilidades intelectuais.

Obras contemporâneas como “Bom dia, Verônica” atrelam o desvendamento do enigma à abordagem mais aprofundada do tema da violência contra a mulher, além mudarem a motivação da protagonista: sendo uma mulher que presenciou diversas formas de violência praticadas contra outras mulheres, ela vai em busca dos criminosos com as metas de fazer justiça às mulheres vítimas de violência e garantir sua segurança. Assim, os casos de violência retratados na trama não são isolados ou monótonos. Pelo contrário, estão interligados e representam os mais diversos tipos de violência entranhados na sociedade patriarcal.

Nesse contexto, é relevante a reflexão de Saffioti (2015), para quem as análises a respeito da violência contra a mulher devem estar atreladas ao conceito de patriarcado. A autora aponta diversas razões para esta necessidade, entre elas o fato de o patriarcado corresponder ao estabelecimento de uma hierarquia respeitada nas mais diversas instâncias da sociedade, sendo, na prática, uma estrutura de poder baseada na violência. Ou seja, o patriarcado é uma instituição extremamente ampla e poderosa, focada na dominação e na exploração e da qual não é possível fugir, como ocorre com a grande organização criminosa investigada por Verônica Torres. Ao detectar que a própria polícia está acobertando os crimes cometidos pelos líderes desta organização, a personagem se dá conta de que o problema é muito maior do que ela imaginava inicialmente. Mesmo quando, ao fim da primeira temporada, o antagonista interpretado por Eduardo Moscovis

morre, a solução do problema está longe de ser alcançada, pois ele é apenas uma ramificação de uma estrutura muito maior dotada de profundas raízes.

Efetivamente a questão se situa na tolerância e até no incentivo da sociedade para que os homens exerçam sua força-potência-dominação contra as mulheres, em detrimento de uma virilidade doce e sensível, portanto mais adequada ao desfrute do prazer. O consentimento social para que os homens convertam sua agressividade em agressão não prejudica, por conseguinte, apenas as mulheres, mas também a eles próprios. A organização social de gênero, baseada na virilidade como força-potência-dominação, permite prever que há um desencontro amoroso marcado entre homens e mulheres (Saffioti, 2015, p. 79).

A autora também refuta a ideia de que a dominação ou ideia de superioridade masculina pertence ao passado, pois as desigualdades entre homens e mulheres são notáveis na atualidade, refletindo a perpetuação da estrutura patriarcal que, embora passe por mudanças, continua muito forte. Ela menciona que os homens já não têm o poder legal de decidir sobre a vida ou a morte de suas esposas, mas muitas dessas mulheres continuam sendo assassinadas, muitas vezes de forma lenta e cruel. E quando há um julgamento dos feminicidas a culpa frequentemente acaba caindo sobre a vítima (Saffioti, 2015, p. 48).

Hooks (2023) utiliza a expressão “violência patriarcal em casa” para se referir ao que conhecemos como violência doméstica. Seu argumento é o de que a ideia de violência doméstica tende a amenizar os crimes cometidos contra mulheres em seus lares quando comparados aos cometidos fora de casa. No entanto, há mais mulheres sendo espancadas e mortas em casa do que fora de casa. Além disso, a autora argumenta que a expressão proposta por ela deixa claro o elo entre a violência sofrida pelas mulheres em seus lares e a dominação masculina em seu sentido mais amplo.

A autora destaca ainda a necessidade de contar com o apoio masculino na defesa das causas feministas e a importância da sororidade e união entre mulheres. Segundo ela, a solidariedade política entre mulheres foi a responsável por grandes mudanças positivas ao longo da trajetória do movimento feminista. No entanto, esta solidariedade continua sendo ameaçada e desvalorizada. “Como consequência, estamos precisando tanto da renovação do comprometimento com a solidariedade política entre mulheres quanto precisávamos quando o movimento feminista contemporâneo começou” (Hooks, 2023, p. 38). Esta necessidade apontada pela autora é refletida no desfecho de “Bom dia, Verônica”, quando a protagonista consegue reunir outras mulheres para dismantlar a organização criminosa e, depois disso, mantém o grupo coeso tendo em mente que as ramificações desta organização continuarão na ativa e que será necessário combatê-las árdua e continuamente.

ANÁLISE

Ao longo das três temporadas de “Bom dia, Verônica”, as interações da protagonista com mulheres vítimas de violência são baseadas na argumentação, por parte de Verônica, focada no acolhimento e na necessidade de denunciar os agressores. No entanto, a protagonista se depara com empecilhos como o descaso das forças policiais em relação a estes crimes e o medo que domina as vítimas, fazendo-as hesitar diante da possibilidade de procurar ajuda. Ao tentar seguir os conselhos de Verônica, Janete, a vítima de maior destaque presente na primeira temporada, acaba morta, gerando ainda mais frustração na protagonista.

Verônica se depara, ao longo de sua trajetória, com vítimas que aceitam, por conta da submissão, serem cúmplices de seus agressores no cometimento de crimes contra outras mulheres, incluindo estupro, feminicídios, manipulação religiosa e tráfico de mulheres. Além disso, mulheres pertencentes às próprias forças policiais, como a delegada Anita (Elisa Volpato), revelam-se contrárias às investigações promovidas por Verônica, o que dificulta sua trajetória. Com frequência ela é estimulada a recuar, mas continua firme em seu propósito.

Em algumas situações, ela conta com a ajuda das vítimas para reunir provas contra os criminosos, mas os empecilhos são sempre maiores do que seus esforços e, quando ela consegue deter um criminoso, acaba descobrindo que ele é apenas parte de uma estrutura maior. Assim, a sensação de impotência e revolta impressa à personagem é cada vez maior, mas ela mantém sua estratégia argumentativa e, na terceira temporada, consegue promover a união entre meninas vítimas de uma seita higienista cujo líder tem a meta de “produzir” bebês perfeitos, livres da possibilidade de desenvolvimento de doenças genéticas, para serem vendidos. Além de terem seus úteros utilizados como “incubadoras” para o desenvolvimento desses bebês, essas jovens também são vítimas de tráfico humano.

Se a princípio, as meninas parecem conformadas e demonstram medo, no desfecho do enredo Verônica concebe um plano que depende da cooperação de todas elas para dismantlar a organização criminosa. E elas recorrem à violência como única forma encontrada para combater a própria violência. Verônica lidera uma rebelião de mulheres que, armadas, invadem um leilão de meninas promovido por Jerônimo. Nesta rebelião, o criminoso e alguns de seus clientes são mortos e a protagonista, com a ajuda das jovens aprisionadas, finalmente alcança o propósito de extinguir a organização criminosa.

Destacam-se no desfecho da trama, além da utilização da violência como recurso extremo, a postura persistente da personagem ao incentivar a união e a solidariedade entre mulheres e a manutenção de uma espécie de sociedade secreta composta por mulheres justiceiras, que continuam detendo de forma violenta os homens praticantes de variadas formas de violência contra mulheres.

É somente a partir da instauração desta comunidade de mulheres, que a personagem consegue finalmente ter um bom dia. O que observamos, no entanto, não é um final feliz, mas um estado permanente de alerta por parte da personagem.

Sendo assim, a conclusão da série reflete tanto a visão de Saffioti (2015) a respeito do patriarcado como centro das discussões sobre a violência contra a mulher quanto o apontamento de Hooks (2023) sobre a necessidade de manutenção da solidariedade política entre mulheres para que as metas almejadas pelo pensamento feminista possam ser alcançadas e suas conquistas mantidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do enredo de “Bom dia, Verônica” permite a detecção da representação e da crítica às relações de poder oriundas do patriarcado que culminam nas mais variadas formas de violência contra a mulher. A dimensão exorbitante da organização criminosa que a protagonista investiga e sobre a qual ela vai tomando conhecimento ao longo de sua trajetória é uma alegoria da situação da mulher em uma sociedade patriarcal, que frequentemente banaliza as violências sofridas por esta parcela da população, levando inclusive as próprias vítimas a encobrirem seus agressores.

Destaca-se também que, apesar de suas várias investidas, é somente a partir da união entre mulheres que a protagonista atinge seus propósitos. Ao longo das três temporadas, ela mostra-se sempre resiliente, mas se depara com muitos desafios que não consegue enfrentar atuando isoladamente. Temos, portanto, a representação das relações de poder assimétricas que impossibilitam a igualdade entre homens e mulheres. Mas ao conseguir criar um senso de comunidade entre meninas que têm em comum o fato de serem vítimas de violência, Verônica consegue dar fim às atividades de um grande esquema criminoso. No entanto, ela tem consciência de que a missão não chegou ao fim, já que a violência contra a mulher é um problema generalizado, embora cada caso individual possa ser amplo e desafiador.

A cena da rebelião em pleno leilão de mulheres é catártica e violenta. Todavia, para além da ideia de que a justiça feita com as próprias mãos pode ser um meio viável de combate à violência contra a mulher, a série também enfatiza a necessidade de resiliência, inconformismo e, sobretudo, solidariedade entre mulheres como caminho necessário para lidar com a violência patriarcal. Dessa forma, a obra de ficção analisada contribui para as reflexões sobre a conexão existente entre as mais variadas formas de violência sofridas por mulheres e demonstra que ainda há muito a ser feito tanto em termos de conscientização quanto de contenção desse tipo de crime.

REFERÊNCIAS

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Disponível em:
<<http://www.forumseguranca.org.br/>> Acesso em: Março, 2024.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2023.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.